

SOL PRETO

Daniel Frota

Realidade e ficção constituem esferas análogas quando se lança uma mirada crítica sobre a história ou mesmo sobre a ciência; funcionam como dimensões paralelas no processo semântico que nos permite produzir conhecimento a partir de informações trazidas à tona em contextos sociais e culturais tão específicos quanto diversos.

Distantes no espaço – e no tempo? –, as realidades europeia e sul-americana guardavam rarefeita correspondência quando em análise o debate científico e filosófico a orientar a humanidade diante das modernas noções de progresso em voga nos círculos eurocêntricos em princípios do século XX. A bem da verdade, as capitais “terceiro-mundistas” rezavam pela mesma cartilha cartesiana que as metrópoles europeias, embora a história fosse outra quando investigado o comportamento e o sistema de crenças das pequenas aglomerações urbanas do interior do continente latino-americano.

No ano de 1919, ao passo em que físicos e astrônomos europeus intentavam validar a Teoria da Relatividade postulada por Einstein, mediante a observação de um eclipse solar, o povo de Sobral – então uma cidadela a ocupar diminuta porção meridional do globo terrestre – ainda ruminava noções de pecado e punição sob o véu da Igreja e das crenças religiosas. Naquele contexto histórico de brutal apartamento científico e cultural, a luz como elemento-chave à comprovação da Relatividade haveria de produzir imensas zonas de sombra sobre a população do sertão brasileiro – uma terra castigada pela seca inclemente e pelo sol a pino, que alguns diriam turvar as ideias dos homens debaixo de tamanho e insuportável calor, enquanto outros, com maior lucidez, atribuiriam a “falta de luzes” daquele povo ao acachapante peso do obscurantismo religioso e da tutela das oligarquias agrárias que historicamente submeteram o país ao atraso econômico e cultural.

Situado entre a pesquisa histórica, a investigação plástica e a especulação filosófica, o projeto Sol Preto, de Daniel Frota, se debruça sobre a façanha científica de astrônomos britânicos em terras tropicais, a qual resultou na validação do maior pulo do gato na história da física moderna, qual seja, a da unificação das noções de espaço-tempo. Mas o interesse do artista, para além das questões científicas específicas de tal teoria, reside na colisão de dois mundos em tese estanques, que acabou por resultar em um sem-fim de causos e anedotas reveladoras das perspectivas críticas – ou mesmo acríticas – de ambas civilizações.

À sua chegada à cidade, seguiram-se encontros do artista com personagens locais e algumas visitas a espaços referenciais à história do eclipse solar que fez o mundo de Sobral escurecer por uma fração curtíssima de tempo, relativizando assim não apenas as leis da física formuladas até então, mas toda a dinâmica política e cultural daquele povoado. As superstições fomentadas pela imaginação dos nativos forjavam um cenário de tintas apocalípticas, as quais se viam adensadas pelo discurso da Igreja, via imprensa local: em vez de desfazer a mística em torno do eclipse e da expedição de astrônomos, optava por “traduzir” o discurso científico em textos “informativos” que, em alguma medida, acabavam por reiterar o fundamentalismo catolicista.

Esclarecedora em seu mutismo aparente, Sol Preto nos lança em uma viagem no tempo e no espaço, numa dimensão que corre em paralelo a essa que chamamos presente. Pontos em uma rede infinita de possíveis articulações sinalizam múltiplos “buracos da minhoca”, outra figura usada pela física para descrever as pontes que unem um espaço a outro, ou um buraco negro a um buraco branco. Enquanto margeamos o conhecimento sobre o universo, e sobre nossa própria história, aguardamos o fim dos tempos em épica expectativa, ou mesmo o eclipse que acabará nos cegando por completo ou, quem sabe, nos tornando clarividentes.

Bernardo José de Souza

Diretor Artístico – Fundação Iberê Camargo

BJS: As esculturas carregam em si questões e respostas manifestadas em sua forma não verbal. Neste sentido, as pedras Incas (Sol e Lua) reproduzidas em sua exposição transformam-se em buracos negros, indecifráveis, pontuando a ausência absoluta de respostas aos fatos ou ficções articuladas no passado. Qual a real importância em se entender se a origem daquelas esculturas remete a uma cultura primitiva, nativa das Américas, ou à invenção de uma comunidade, de uma cultura sincrética incapaz de responder ao desconhecido e disposta a forjar sua própria história ignorando diferenças entre fato e ficção?

DF: De uma maneira geral, o projeto é formado por um vocabulário de objetos que são arranjados e editados de acordo com a arquitetura do espaço, com o intuito de criar um campo de relações entre os materiais e a história do eclipse. Dois desses objetos circulares pretos são reproduções de duas pedras que eu encontrei em Sobral durante a filmagem do vídeo. Verdadeira ou não, a história dessas pedras é fascinante. Em 1926, uma pedra em quartzo, com contornos polidos e estranhos, foi achada por um lavrador na Fazenda Vaca Seca no município cearense de São Benedito. A pedra foi então levada até o bispo Dom José. Por conta das características, ele endereçou uma carta ao arcebispo de Lima, no Peru, relatando e descrevendo o objeto. A resposta foi que se fossem de fato pedras sagradas usadas em rituais pelos Incas, elas deveriam ser duas, o Sol e a Lua. O Sol seria representado pela menor delas, já que a Lua se mostrava maior aos olhos Incas. Uma escavação foi feita na mesma fazenda e acabaram por encontrar o par que faltava. Especula-se que as pedras teriam sido trazidas pelas primeiras expedições de Vicente Pinzón, navegador espanhol que fez parte da expedição de Cristóvão Colombo e que teria descoberto as terras brasileiras três meses antes da chegada de Pedro Álvares Cabral. Sem qualquer poder de barganha, as pedras teriam sido então abandonadas por sua tripulação nas terras cearenses.

BJS: O eclipse enquanto fenômeno natural ou plástico traz a carga de mistério que marca toda e qualquer espera. O mundo é posto em suspensão, por algum momento não é mais o que parecia ser. Mas, então, ele se desfaz, e tudo torna a ser o que era antes. Assim ocorreu após o eclipse visto de Sobral? Houve desfecho algum? Ou as sombras permanecem projetando sobre o mundo as mesmas incertezas que sempre acompanharam nossa aventura sobre a Terra? Haverá em algum momento a revelação? Ou o *turning point* definitivo será nossa completa desapareição, como espectadores, donos de uma perspectiva tão única quanto irrelevante diante do cosmos?

Uma série de especulações de fundo místico ganhou forma nos meses que antecederam o eclipse. O eclipse de Sobral seria o momento em que a ciência finalmente cede à mitologia?

DF: Hoje temos clareza sobre as consequências que a nova teoria de Einstein trouxe, não só para o entendimento dos limites da física, mas também para o avanço tecnológico com o desenvolvimento de satélites e a revolução que se desencadeou nos meios de comunicação. Logo após o eclipse era difícil prever as consequências da descoberta, mas sabia-se que algo havia se rompido. A sensação de mudança existia ainda sem a concretude dos seus efeitos. A incerteza do fim deu lugar à incerteza do início. De certa maneira um mundo acabou, ou pelo menos uma visão de mundo cedeu e deu lugar a uma nova, cujos desdobramentos eram verificáveis.

Aos olhos de Sobral, menos ainda. É curioso pensar que em meio a tantos eclipses solares, esse, exclusivamente, tenha adquirido um valor simbólico. O que essa mudança de paradigma deve, de fato, ao fenômeno do eclipse? Um fenômeno natural que é totalmente alheio ao nosso misticismo, nosso cientificismo, nossa filosofia, religiosidade e crença. Um fenômeno que nos é indiferente e que seria exatamente como qualquer outro se não fosse a predisposição de certos homens em projetar seus desejos. A vontade de querer ver o extraordinário, tanto através da ciência, quanto da superstição. Nem a versão do mito, nem a versão teórica, o que deu sentido ao eclipse foi uma vontade anterior, a da projeção, de se projetar, de se incluir no fenômeno. Sem esse primeiro impulso, 1919 teria passado batido e nada teria sido construído a partir do eclipse.

BLACK SUN

Daniel Frota

Reality and fiction are analogous spheres when you cast a critical eye over history, or even science; they function as parallel dimensions in the semantic process that allows us to produce knowledge based on information brought to light in specific and diverse social and cultural contexts.

Far apart in space – and time? – European and South American realities showed little to none similarities when analyzing the scientific and philosophical debate that guided humanity in the face of modern notions of progress that were popular in Eurocentric circles in the early 20th century. In fact, “third world” capitals followed the same Cartesian model as the European civilization, although the situation was different when investigating the behavior and belief systems of small inland urban settlements in Latin America.

In 1919, while European physicists and astronomers attempted to validate Einstein’s Theory of Relativity by observing a solar eclipse, the people of Sobral – then a small town occupying a tiny portion of the globe – were still ruminating on notions of sin and punishment under the veil of the Church and religious beliefs. In that historical context of brutal separation between science and culture, light as a key element in proving relativity would cast huge shadows over the population of the Brazilian backlands (sertão) – a land punished by relentless drought and sunshine that some would say might muddy man’s ideas under such unbearable heat, while those who were more lucid attributed the “lack of light” in the people to the overwhelming weight of religious obscurantism and the influence of agricultural oligarchies that historically subjected the country to economic and cultural backwardness.

Located between historical research, artistic investigation and philosophical speculation, Daniel Frota’s *Black Sun* (Sol Preto in Portuguese) focuses on the scientific feat of British astronomers in tropical countries that ultimately validated the biggest ace in the hole in the history of modern physics, namely the unification of the notions of space and time. Beyond the specific scientific issues of relativity, the artist’s interest lies in the collision between two worlds around this watertight theory, which resulted in endless tales and anecdotes revealing the critical – or even acritical – perspectives of both civilizations.

On his arrival in the city, the artist met with well-known locals and visited historical sites for the solar eclipse that darkened Sobral’s world for a lapse of time, relativizing not only the laws of physics formulated up to that point, but the political and cultural dynamics of its people. The superstitions fostered by the imagination of its native inhabitants forged a scenario of apocalyptic hues imbued with the discourse of the Church, via the local press: instead of unravelling the mystery surrounding the eclipse and the astronomers’ expedition, it opted to “translate” scientific discourse into “informative” texts that, to some extent, ultimately reiterated Catholic fundamentalism.

Enlightening in its apparent mutism, *Black Sun* launches us on a journey through time and space, in a dimension that runs parallel to what we call the present. Points in an infinite network of possible connections indicate multiple “wormholes”, another term used by physics to describe a link between separate points in spacetime, or between a black hole and a white hole. As we skirt along the edge of knowledge about the universe, and our own history, we wait for the end times in epic expectation, or the eclipse that will either blind us completely or perhaps even make us clairvoyant.

Bernardo José de Souza

Artistic Director - Iberê Camargo Foundation

BJS: The sculptures carry within them non-verbal questions and answers. In that regard, the Inca stones (Sun and Moon) depicted in your exhibition turn into inscrutable clack holes that point out the absolute lack of answers to facts or fictions forged in the past. What is the actual importance of understanding whether those sculptures stem from a primitive culture native to the Americas or were invented by a community, a syncretistic culture incapable of responding to the unknown and willing to shape their own history while disregarding the differences between fact and fiction?

DF: In a general sense, the project is composed by a vocabulary of objects that are arranged and edited according to the architecture space in order to create a field of relations between the materials and the eclipse's story. Two of these objects, the black and rounded ones, are reproductions of two stones I found in Sobral during the shooting of the video. Whether true or not, the story about these stones is fascinating. In 1926, an oddly-shaped, polished quartz stone was found by a farmer on the Vaca Seca Farm in the city of São Benedito, Ceará state. The stone was then taken to Bishop Dom José. Because of its features, he sent a letter to the Archbishop of Lima, Peru, reporting on and describing the object. The Archbishop replied that, in case they actually were sacred stones used in rituals by the Inca, they were supposed to be two, the Sun and the Moon. The Sun would be represented by the smaller one, because the Moon was bigger in the eyes of the Inca. A dig was conducted on the same farm and they ended up finding the missing one of the pair. It is believed the stones were brought by the first expeditions of Vicente Pinzón, a Spanish navigator who sailed along with Christopher Columbus and is thought to have reached the Brazilian shores three months before the arrival of Pedro Álvares Cabral. Lacking any barter value, the stones are thought to have been left behind by his crew in Ceará.

BJS: Either as a natural or plastic phenomenon, an eclipse carries that sense of mystery that brands any and all wait. The world is put on hold; for a while it no longer is what it seemed to be. But then the mystery clears up, and everything goes back to what it once was. Has that happened after the eclipse seen from Sobral? Has there been any outcome? Or do the shadows keep casting over the world the same uncertainties that have always come along with our adventure on Earth? Will there be a revelation at some point? Or will the ultimate turning point be our full disappearance, as spectators and bearers of a perspective that is as unique as it is irrelevant before the cosmos?

A host of mystical speculations took shape in the months preceding the eclipse. Would the Sobral eclipse be the moment when science finally yields to mythology?

DF: Today we clearly understand the consequences Einstein's new theory has brought, not only for our understanding of the limits of physics but also for technological progress through the development of satellites and the revolution seen in the media. Right after the eclipse it was difficult to foresee the consequences from the finding, but people knew something had ruptured. There was a feeling of change, despite the lack of material effects. Uncertainty about the end gave way to uncertainty about the beginning. In a way, a world ended. Or at the very least a view of the world collapsed and surrendered to another, whose developments could not be verified.

In the eyes of Sobral, even less so. It is funny to think that, out of so many solar eclipses, this one alone has taken on a symbolic value. What does such change actually owe to the eclipse? A natural phenomenon that is totally oblivious to our mysticism, our scientism, our philosophy, religiosity, and beliefs. A phenomenon we are indifferent to and which would be exactly like any other were it not for some people's proclivity to project their desires. The will to want to see the extraordinary, through the frames of both science and superstition. Neither the version of the myth, nor the theoretical version: the eclipse was given meaning by a previous will, that of projecting, projecting oneself, including oneself in the phenomenon. Without that first drive, 1919 would have passed by uneventfully and nothing would have been built from the eclipse.